

Discurso da presidente da Associação de Magistrados da Justiça do Trabalho da 6ª Região (AMATRA VI), durante a posse dos novos dirigentes do TRT6, realizada de modo virtual, no dia 04 de fevereiro de 2021.

Boa tarde! Excelentíssima Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Ministra Maria Cristina Peduzzi, autoridade em nome da qual saúdo os demais integrantes da mesa de honra virtual, bem como todas e todos os presentes nesta solenidade de posse dos novos dirigentes do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região para o biênio 2021/2023.

Inicialmente, gostaria de externar a honra de figurar como representante da Amatra VI em duas posses consecutivas deste Regional, oportunidade garantida pela reeleição para presidir a entidade, em setembro de 2020. Sei também do peso da responsabilidade de representar a nossa gloriosa associação, que, também no ano de 2020, completou 45 anos de história e congrega a ampla maioria dos magistrados e magistradas da 6ª Região. Essa trajetória sempre foi pautada na defesa da autonomia, da dignidade e da independência da Justiça do Trabalho, além da incessante busca pela melhoria das condições de trabalho dos associados e associadas, através da construção democrática para o alcance das soluções possíveis para cada momento histórico. E bem sabemos que aquele que estamos atravessando desde o ano passado é particularmente difícil e desafiador.

Tal como fiz na posse dos gestores que hoje se despedem, em 07 de fevereiro de 2019, vou iniciar me dirigindo àqueles que há dois anos, abraçaram esse desafio, tornando-se dirigentes do TRT6, e que hoje passam o bastão, com a certeza do trabalho bem realizado. Dirijo-me, portanto, aos Desembargadores Valdir Carvalho, Dione Furtado, Clara Saboya e Virgínia Canavarro. Muitas foram as conquistas alcançadas através de um diálogo franco da Amatra VI com a Administração que hoje se despede. Apenas para citar alguns exemplos, diante do exíguo tempo para este pronunciamento, destacaria a execução do acordo que garantiu aos juízes substitutos o justíssimo assessoramento, promoveu a migração de servidores, a transformação de funções e uma distribuição proporcional entre as instâncias; a participação em todas as fases preparatórias para a implementação da autogestão em saúde no âmbito do Tribunal hoje uma

realidade; e o engajamento nos comitês da administração, garantida a fala institucional, construída a partir da demanda dos associados e associadas.

Essas referências são apenas exemplificativas, mas certamente o grande destaque da gestão que se despede é a forma como se portou após a declaração, pela Organização Mundial de Saúde, do estado de pandemia ocasionado pelo novo coronavírus, em março de 2020. A partir desse momento, houve a formação de um comitê emergencial, que contou com a participação da Amatra VI, com o objetivo de acompanhar a evolução do quadro, bem como de garantir as medidas de biossegurança necessárias a um retorno gradual e com foco na preservação da saúde dos magistrados e magistradas, servidores, estagiários, terceirizados, advogados e todos os usuários do sistema de justiça. À Amatra VI foi garantido o lugar de fala, o espaço para apresentação das sugestões que partiram de sua base de associados, o que culminou na edição de atos que revelaram o cuidado e a cautela imprescindíveis para um momento tão amedrontador para todos nós, nossas famílias, amigos, além de toda sociedade, especialmente aqueles mais vulneráveis.

Esse olhar de cuidado para os que fazem o Tribunal fez com que nos sentíssemos parte de um mesmo time e nos fortaleceu num período em que a capacidade de gestão passou por um teste muito árduo. Diante do que aqui expus de maneira breve, venho, em nome da Amatra VI, externar o nosso reconhecimento e gratidão à gestão do Tribunal no biênio 2019/2021.

Quanto aos dirigentes que hoje tomam posse, vou resumir o nosso desejo na fórmula dos três “s”: sabedoria, serenidade e sensibilidade. Essas serão habilidades essenciais para uma fase de incerteza sobre o fim do estado de pandemia, além da criatividade para buscar soluções para o enfrentamento das cicatrizes deixadas por esse momento. Já sentimos o peso delas. Já tivemos muitas perdas, muitos medos e resignamos, a partir disso, as nossas relações e prioridades.

O apelo que faço se volta à manutenção do canal de diálogo aberto e que a gestão incentive esse debate democrático de ideias e a transparência nas ações. Tenham certeza de que Vossas Excelências contam com juízes, juízas, servidores e servidoras sempre dispostos a auxiliar a administração na superação dos desafios. Afinal, somos partes de uma mesma engrenagem, desempenhando cada uma um papel essencial para o bom funcionamento da instituição e para que

a sociedade, destinatária do nosso trabalho, encontre aqui o acolhimento necessário.

Após essa fala que abordou o medo, a vulnerabilidade, gostaria de encerrar falando de esperança, tocada pela pregação do nosso querido Frei Rinaldo, na bela e emocionante missa em ação de graças de ontem. Para isso, invoco um outro trecho da Carta Encíclica Fratelli Tutti, do Padre Francisco sobre Fraternidade e Amizade Social, na parte final do Capítulo I: “Convido à esperança que nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança!”.

Acredito que essa mensagem potente e reconfortante toca a todos e todas, independentemente da religião que cada um professa. Com ela encerro, agradecendo pela atenção e oportunidade de representar a Amatra VI nesta solenidade. Obrigada!